

Unus Mundus e Amazônia: Sombra Coletiva e Resistência como Processo de Individuação, a Saga do Ribeirinho

Claudio Mele. Schopfheim, Alemanha, CG Jung Institute, Zurich

Paulo Alberto. Porto Velho, Brasil, SBrPA-RJ

3531 palavras sem bibliografia e título.

19/09/2023

1. Introdução

O conceito de “Unus Mundus” é um dos imperativos psicológicos, políticos, filosóficos e culturais mais importantes na atual etapa de transição que a humanidade está enfrentando. Cada vez mais pessoas começam a compreender, a sentir-se responsáveis e a ter necessidade de mover-se de uma posição passiva e reagir a diferentes questões associadas à atual crise existencial. As manifestações globais em prol do clima são um exemplo. A atual crise é caracterizada por uma profunda atitude individualista e negacionista a respeito dos problemas que a humanidade enfrenta. Vemos cada vez mais a separação, tensão, projeção e a rejeição.

Nos últimos séculos a hiper exploração do planeta está levando ao colapso de diversos biomas e dentre os que vêm sofrendo nesse contexto temos a Amazônia, seus rios, florestas e povos. Utilizaremos como exemplo para descrever este aspecto da realidade o efeito da construção das Usinas Hidroelétricas no Rio Madeira, concluída em 2011, na cidade de Porto Velho na Amazônia brasileira. Trata-se da comunidade ribeirinha de Vila do Teotônio, a qual situava-se às margens do Rio Madeira, ao lado de uma potente corredeira denominada Cachoeira do Teotônio. A vila teve seus primórdios como povoamento em 1759, estabelecendo várias formas de ocupação por diferentes populações e após 1945, se destacou como uma das ocupações do ribeirinho amazônico resultado da derrocada do segundo ciclo de exploração do látex amazônico, quando um grande contingente de trabalhadores que haviam se instalado na região da bacia do Rio Madeira para trabalhar na extração da borracha. É importante destacar que muitos desses trabalhadores estavam em condições análogas ao trabalho escravo. Com o fim da exploração da borracha

amazônica pelo mercado internacional, esses trabalhadores permaneceram na região e ali continuaram sua história de maneira autônoma e foram encontrando uma forma de existir utilizando os recursos da floresta sem destruí-la. Essas pessoas ocuparam também a Vila de Teotônio, fazendo do local sua morada, ali se constituíram famílias, vizinhanças, afetos, uma relação coletiva e identitária ligada à floresta e ao rio, onde tinham na pesca artesanal sua principal forma de sustento.

A construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio levou a inundação da Vila de Teotônio, inundando consigo todas as histórias, formas de existir e afetos que foram criadas naquele local, violentando milhares de ribeirinhos, os forçando a buscar novas formas de existir e habitar, inclusive os expulsando da floresta. O processo que ocorre com o ribeirinho não é isolado, ele está conectado a uma cadeia global, uma dinâmica psicológica a qual levou a violência sofrida pelos vários povos tradicionais da Amazônia.

Jung viu a natureza e o ambiente que envolve cada um de nós como uma matriz viva de significado potencialmente sincrônico, capaz de iluminar a esfera humana. A crise atual é a sombra patológica do "Unus Mundus". É o paradoxo que nos confronta com a nossa desconexão, desconsideração e falta de compreensão sobre a interconectividade de toda a vida.

O que nos impede de olhar para o planeta como uma entidade viva resultado de processos individuais e coletivos? Como é a dinâmica dessa sombra coletiva que atualmente está condicionando a psique coletiva na direção da destruição do planeta?

Quando pensamos na sombra coletiva e em destruição não podemos deixar de lembrar de um importante, traumático e marcante exemplo histórico; o do nazismo alemão no início do século XX. Essa experiência mostra como foi possível, em um contexto econômico e social extremamente crítico, que o efeito da derrota na primeira grande guerra e o conseqüente sentimento de humilhação do povo alemão despertasse o arquétipo de Wotan, como um vulcão adormecido (Jung, 2001, par. 373).

No parágrafo 386 de *Civilização em Transição*, Jung (2001) fala de que Wotan se expressou no contexto do nazismo na Alemanha através de um mecanismo de possessão. Havia um fenômeno de desconexão, dissociação, regressão, possessão e renúncia a qualquer iniciativa individual e sujeição a um grande pai. Uma rendição a um líder único e absoluto. Uma perda completa da intimidade e da individualidade. O povo foi inconscientemente possuído e guiado a atos de destruição.

Nancy Fraser (2022) comenta que o Uroburo, símbolo alquímico de poder que se consome e regenera, pode muito bem representar o capitalismo contemporâneo. Fraser, elabora a hipótese de que a atual versão do capitalismo contemporâneo possui a capacidade de crescer fora de qualquer proporção através da prática autofágica dos próprios elementos que servem à sua sobrevivência. Atua como predador diante das riquezas da natureza, sobretudo, sem prever sua reintegração e realiza um trabalho de exploração e expropriação em detrimento das pessoas economicamente menos favorecidas. Apesar desta contínua atividade destrutiva, o capitalismo consegue progredir e se regenerar, desafiando toda a lógica.

Para Fraser o capitalismo é o sistema ao qual devemos a crise global atual. O que enfrentamos, não é apenas uma crise de desigualdade desenfreada e trabalho precário mal remunerado. Não é simplesmente uma crise ecológica na qual um planeta aquecido produz pragas letais, nem somente uma crise política. É algo pior. Trata-se de uma crise geral de toda a ordem social em que todas essas calamidades convergem, exacerbando-se mutuamente e ameaçando nos engolir inteiros. Estamos possuídos novamente, como exemplifica Jung, pelo arquétipo da destruição como no período do nazismo, mas em outro tempo, dimensão e contexto. Estamos sob o efeito de uma massiva campanha de marketing, dirigida pelas grandes corporações, que fazem e desfazem governos, expressão de um capitalismo predatório, que nos afasta do mundo real ao qual fazemos parte e nos dirige ao abismo.

Quando olhamos o funcionamento das grandes corporações, que representam o coração do sistema capitalista, percebemos claramente como empregados e clientes, em forma direta e indireta, perdem completamente a

identidade e a capacidade de avaliar e decidir. Os indivíduos que constelam as grandes corporações terminam possuídos pela narrativa dos líderes. Os objetivos dos indivíduos que servem ao sistema se transformam em funcionais ao mesmo, em um claro processo de submissão e perda de identidade, autenticidade e iniciativa. Encontramos também na estrutura e funcionamento das grandes corporações, rituais em que a narrativa utilizada é transmitida gerando uma nova versão de possessão que devora, como Saturno com seus próprios filhos. Os indivíduos terminam se desconectando do próprio Self diante da expressão coletiva do sistema capitalista, perdem a própria identidade e vivem um processo regressivo que leva a um estado narcisista e de entrega incondicional aos líderes que articulam e guiam as grandes corporações.

O aumento de patologias clínicas de indivíduos relacionados direta ou indiretamente nas grandes corporações é significativo. Mas principalmente ocorre um vazio espiritual, uma falta de sentido e de perspectiva.

Com relação a crise da sociedade contemporânea, comenta Barcelos (2019) que o que ocorre não é a simples ocupação humana que leva a tragédia ecológica a qual estamos diante, mas sim a dominância do capitalismo como forma de produção que avança nos sistemas ecológicos terrestres devastando-os. Por conta disso estamos diante de um momento no mundo que podemos chamar de capitaloceno. As mudanças provocadas pela alimentação canibal do capitalismo são tremendas a ponto de podermos ver a sua dimensão no período geológico do planeta.

Se considerarmos o capitalismo como o mecanismo que nos leva em direção ao caos e a destruição e representa hoje o arquétipo da desordem; onde residem os germes que podem frutificar a ordem? E quais poderiam ser as bases de uma nova ordem? Qual seria a dinâmica da reorganização, necessária e urgente? E o que poderia favorecer a conexão com a natureza e o cosmos? O Uroburo simboliza o fim, mas também o início. Seria a resistência ao sistema capitalista neoliberal uma experiência de individuação no atual contexto social e econômico contemporâneo? Seria esse o caminho

para frear o canibalismo de Saturno e liberar as divindades olímpicas e criar uma nova ordenação coletiva.

2. Exploração da Amazônia e seus povos

A Amazônia é um território complexo, cheio de diversidades naturais e antropológicas, com ocupação milenar que remonta aos povos pré-colombianos. Os povos originários da Amazônia souberam integrar-se diante de vantagens e adversidades e explorar os bens naturais sem alterar o meio ambiente, pois viviam integrados ao território. Estamos falando de uma região habitada há mais de 19 mil anos.

O território amazônico com sua fluência histórica entre a biodiversidade e os povos originários, vê sua dinâmica rompida com a imposição capitalista, através do desmatamento para produção agropecuária, a construção de barragens para hidrelétricas, e a poluição de rios e solos realizados pelo garimpo. Tais formas de produção retiram o acesso aos recursos que antes eram coletivizados nas florestas e rios e são inseridos em uma lógica monopolizada e concentradora de capital pelas elites que se apoderaram das riquezas desse lugar.

É importante lembrar que o processo de exploração do território brasileiro e genocídio sistemático da população autoctona não é um fenômeno do século XX. As raízes podem ser claramente identificadas no processo de colonização, a partir do século XV. Roberto Gambini (1998) mostra a visão do colonizador, que naquele momento era expressa pelos jesuítas. Eles acreditavam que no Brasil encontrariam seres sub-humanos que tinham que ser transformados em algo melhor. A humanidade civilizada não tinha interesse em cultuar sua origem ancestral, e sim tentar esquecer a vergonha do passado.

Esse processo que a colonização europeia que inicia no Brasil com a extração e envio do pau brasil para Portugal através da exploração da mão de obra indígena, da escravização e violência, assume proporções significativas,

com a utilização de mão de obra da África para a exploração de produtos agrícolas e minérios. O princípio dos jesuítas sobre a ausência de alma dos indígenas e africanos negros escravizados, gerou a escusa para transportar milhões de indivíduos da África para a América. A atual exploração da mão de obra na Amazônia é a versão contemporânea de um processo que nunca deixou de funcionar. A etapa de colonização culmina com a Revolução Industrial, que provoca, com o nascimento do Sistema Capitalista, um notável processo de aceleração do processo de destruição.

Comenta Greta Thunberg: "Impulsionada pela colonização, a revolução industrial produziu riquezas inimagináveis para o norte do planeta, em particular para a pequena minoria que aí vivia. Esta injustiça extrema é o pilar sobre o qual foram construídas as sociedades modernas. É este o cerne do problema. O sofrimento de muitos pagou o benefício de poucos e sua fortuna teve um preço: a opressão, o genocídio, a destruição ecológica e a instabilidade climática [...] A crise climática e ecológica é uma crise cumulativa que remonta à colonização e a tempos anteriores. É a crise baseada na ideia de que algumas pessoas valem mais do que outras e, por isso, têm o direito de roubar a terra, os recursos, as condições de vida futuras e até as vidas dessas pessoas." (Thunberg, 2022, p.19).

Assim como os europeus colonizadores projetaram a sua sombra coletiva no processo de destruição do território e da população não branca, o mesmo mecanismo ocorre na atual versão contemporânea do capitalismo liberal.

Comenta Malheiro; Porto-Gonçalves e Michelotti (2021) sobre processo de exploração na Amazônia que a aceleração da pilhagem tanto intensifica a ruptura sociometabólica em direção a um colapso metabólico como impõe relações de exceção que levam ao deslocamento compulsório de milhares de pessoas por Usinas Hidrelétricas (UHE) na Amazônia, como as mais de 23 mil pessoas desalojadas pela UHE de Tucuruí, as mais de 10 mil famílias desalojadas pela UHE de Belo Monte, as cerca de 10 mil famílias desalojadas pelo Complexo Hidrelétrico do Madeira, por meio das UHE de Santo Antônio e Jirau, para ficarmos só com três exemplos. Sobre o conceito de

sociometabolismo, Vitória e Fontana (2021) comentam que de acordo com Marx o metabolismo entre humanidade e natureza se desenvolveu por uma unicidade orgânica em que ocorria vínculos entre trabalho e o ritmo da natureza. A inserção produtiva neoliberal na Amazônia produz o rompimento das dinâmicas sócio metabólicas historicamente produzidas na região.

Hoje a sombra coletiva do homem, que impõe a sua verdade e a qualquer custo luta pelo lucro sem limites, volta a se expressar como o arquétipo de Wotan, mas em outra época e em outro contexto. O que se observa na Amazônia vai exatamente de encontro a esse sentido: grandes empreendimentos hidrelétricos construídos e grandes extensões de terras sendo devastadas para dar lugar ao agronegócio e a mineração ganhando cada vez mais espaço facilitados pela desregulamentação das proteções ambientais que garantiam a manutenção desse ecossistema. As populações tradicionais, quilombolas, ribeirinhas e indígenas vão sendo violentadas e oprimidas em sua existência.

Dentre os povos atingidos por esses empreendimentos estão os ribeirinhos da Amazônia. Compreendemos o ribeirinho como uma das expressões dos grupos sociais que compõem a ruralidade brasileira. Muito além da prática de agricultura ele é produtor de uma cultura que permeia a região e chega a estar presente inclusive nos centros urbanos amazônicos.

As usinas hidrelétricas são a materialização de um desejo das elites que buscam expandir seu território de exploração a fronteiras maiores, levando ao desgaste humano (no sentido individual e coletivo) e ambiental. A sina exploradora está provocando a devastação amazônica em conjunto ao sofrimento humano das pessoas que são diretas ou indiretamente atingidas por esses empreendimentos. Ainda assim, muitos ribeirinhos tentam permanecer em áreas afetadas por essas hidrelétricas e conviver com os impactos causados por essa demanda. Permanecer é uma forma de conservar e lutar por esses sentidos criados e vivenciados por esse povo.

3. Resistência e Individuação

Ter consciência de nosso contexto histórico significa também compreender a “Anima Mundi”. Cabe ressaltar que a vivência da materialidade histórica da alma que se presentifica na coletividade humana, é uma expressão da experiência do Unus Mundus.

Consideramos fundamental que a psicologia analítica também amplie o olhar para o contexto político ideológico em que a vida humana está inserida. Nossa atuação clínica deve sempre estar atenta e pronta também para interpretar e trazer para a consciência a dinâmica dos processos que produzem injustiça social.

A agressão e a violência podem funcionar em forma individual ou coletiva. E podem ativar defesas e gerar um estado de dissociação que se expressa através de uma neurose individual ou coletiva. Existem também situações em que a agressão e a violência possuem o indivíduo ou uma coletividade. Neste caso se trata de um estado de possessão que esvazia e imobiliza.

O atual estado de depressão e imobilização coletiva frente ao colapso do planeta não se enfrenta com nova agressão, mas com um retorno à vida através da tomada de consciência. Torna-se necessário compartilhar a perspectiva do significado do conceito de Unus Mundus e integrá-lo à vida. Isso significa que cada indivíduo se sinta parte da totalidade e principalmente responsável por ela. Essa experiência permite que novamente seja possível voltar a formar uma comunidade consciente. Nesse contexto, muito provavelmente poderão brotar finalmente ações de construção baseadas na crença de que o amor à vida é a arma mais forte para enfrentar o atual clima de violência e destruição. Trata-se de facilitar as condições para que o elemento intrínseco, que está dentro de cada indivíduo e representa também um elemento primário de criatividade e de inovação, possa fluir e interagir com a realidade através de uma energia não mais guiada pelo arquétipo da destruição. Tomar como própria, parte da sombra coletiva é um ato de amor à vida, de criação e de renovação. Trata-se de uma forma de enfrentar a polaridade que destrói e de resistir ao estado de esvaziamento e de imobilização. Se trata de uma forma de individuação coletiva em um contexto

em que a escuridão predomina. Uma resistência baseada no trabalho coletivo que favorece o despertar de uma esperança comprometida com a ação de construir uma realidade baseada na transparência e na sinceridade que ilumina um caminho alternativo ao da destruição.

Comentamos que a nova versão do sistema capitalista liberal alimenta e acelera o processo de destruição do planeta. Mas que alternativa concreta temos ao sistema capitalista que hoje não encontra oposição consistente? Podemos pensar no arquétipo da ordem ocupando espaço que o caos oferece?

Zhao Tingyang (2021), pesquisador do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências Sociais da China (Pequim), abriu uma interessante discussão sobre a relevância contemporânea do antigo conceito chinês de Tianxia “o que está abaixo do céu”. O Tianxia considera que o mundo resulta da sobreposição de 3 planos, o físico, o psicológico e o social; que podem funcionar em forma harmônica. O conceito de Tianxia supera a ideia de estado nação como marco de uma ordem mundial pelo seu caráter produtor de conflitos entre povos e culturas.

O sistema de Tianxia transforma os Estados exteriores em realidades internas de um sistema compartilhado. Seria como o conceito de Unus Mundus aplicado ao funcionamento do conjunto dos Estados que formam parte do Planeta. A Tianxia designa um mundo em que o natural e o político são concomitantes. O conceito de Tianxia, mostra uma forma de buscar a convivência entre todas as nações que estão abaixo do céu, em uma pacífica convivência e integração natural, não baseada na hegemonia. Também os lanomâmis quando, através de seu líder Davi Kopenawa, com o notável texto “A queda do céu “, tratam da mesma questão.

As relações internacionais entre as várias nações são dirigidas pelos interesses das grandes corporações que funcionam em base aos mecanismos perversos do capitalismo que destrói o planeta. Teríamos que pensar na viabilidade da aplicação do modelo da Tianxia não somente aos Estados, mas principalmente para as corporações. Compreendemos que o modelo de Tianxia

pode articular-se com os movimentos sociais contemporâneos que resistem e lutam contra a arrogância e hegemonia do modelo capitalista.

A articulação e funcionamento da resistência é uma realidade que enfrenta o poder destrutivo das corporações que representam o motor do sistema capitalista. De acordo com Gohn (2011) os movimentos sociais são fontes e matrizes geradoras de saberes que se sustentam com a criatividade da coletividade. Indica-se dessa forma que os movimentos sociais são grupos produtores de saberes além de possuírem a memória da construção histórica de um ideário de práticas que auxiliam para que haja resistência do avanço de ações que são destrutivas para o planeta em geral. Os movimentos sociais têm identidade, possuem um ideal, se articulam e fundamentam um projeto de vida e de sociedade.

Na América Latina possuímos alguns movimentos históricos como o da luta contra instalação de papeleiras no Uruguai, os movimentos contra as minerações a céu aberto em Mendoza nucleadas pelas União de Assembleias Cidadãs (UAC), o Movimento do Campesinato de Córdoba (MCC), o Movimento Negro e Afrodescendente no Brasil, os movimentos LGBTQI+, Movimentos Étnicos em especial indígenas dos povos andinos, que se fundamentam no bem-viver. No Brasil temos o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e mais especificamente para o caso em discussão temos o MAB - Movimento dos Atingidos por Barragem. Apontamos a importância dessas movimentações coletivas, pois compreendemos que apenas na movimentação coletiva social existe a possibilidade de reconstituição do mundo em que vivemos.

Retornando à comunidade de Teotônio, foi possível observar que após a construção das Hidrelétricas do Rio Madeira a estrutura da comunidade foi destruída quando eles foram reassentados em uma nova localidade sem considerar sua identidade, formação, história e trabalho. Foram brutalmente desviados do caminho de seu processo de individuação.

Apesar de toda pressão exercida sobre os ribeirinhos de Teotônio, ainda há espaços de resistência presentes na comunidade. A associação de moradores é um desses coletivos, que busca o resgate dos aspectos que tornavam a

comunidade viva. O posto de saúde é ponto de acolhida, exercendo também a função de espaço coletivo das pautas comunitárias, ali eles têm escuta de suas queixas que a partir da organização do espaço se tornam queixas coletivas. A escola da vila também é um campo de encontro e formação dessa comunidade e das crianças e jovens ribeirinhos que permanecem no território. Permanecer e lutar por sua identidade e seus sentidos construídos mostra a força desses homens e mulheres na briga titânica diante da qual se encontram.

Conclusões

A resistência ao processo de destruição na Amazônia é uma realidade que precisa ser compreendida para ser apoiada. Existem ações de resistência trazem a consciência o que está ocorrendo, com o objetivo de fazer-nos responsáveis e despertam o desejo de ser parte desta experiência para criar uma nova dinâmica que possa transformar definitivamente o seu atual estado.

Muitos consideram que se trata de uma luta impossível de ser encarada. Quando vemos este tipo de reação pensamos no mito de David e Goliat, principalmente quando a narrativa toca aspectos universais relacionados com coragem, a determinação e a crença na capacidade humana de superar obstáculos, encontrando nas forças ocultas no nosso interior, justamente aquelas que são as necessárias habilidades e estratégias criativas para o enfrentamento dos obstáculos.

Acreditamos que resistência ao sistema capitalista neoliberal no atual contexto social e econômico contemporâneo de destruição do planeta, possa representar uma experiência de individuação e se torna necessária para frear o canibalismo de Saturno, para que as divindades olímpicas sejam liberadas da obscuridade e possa ser criada uma nova ordenação coletiva.

A esse propósito é de extrema utilidade ser nutridos pelos princípios básicos do conceito de Unus Mundus, que inclui a ideia de troca permanente e de estar em constante ressonância com os processos da psique, do mundo e da unificação do ser humano integral com o mundo e o cosmos.

Bibliografia

BARCELOS, Eduardo. (2019). **Antropoceno ou Capitaloceno: da simples disputa semântica à interpretação histórica da crise ecológica global**. Revista Iberoamericana de Economía Ecológica, v. 31, n. 1, p. 1-17.

FRASER, Nancy. (2022). **Cannibal Capitalism**. Verso, London , New York.

GAMBINI, Roberto. (1988). **O Espelho Índio: Os Jesuítas e a Destruição da Alma Indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.

GOHN, Maria da Glória. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361.

JUNG, CG (CW10), (2001). **Civilizacion em Transición**. Trotta Editorial, Mexico.

MALHEIRO, Bruno; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; MICHELOTTI, Fernando. (2021). **Horizontes Amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular.

THUNBERG, Greta (2022). **El libro del Clima**. Group Editorial.

VITÓRIA, Fernando Bilhalva; FONTANA, Cleder. (2021). Natureza e sociometabolismo em Marx: contribuições à leitura da crise socioecológica do capital. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 13, n. 2, p. 92-109.

ZHAO, Tingyang. (2021). **Tianxia: una filosofía para la gobernanza global**. Herder Editorial; Barcelona.